

Atletismo em meio ao sertão: uma experiência com o currículo cultural da Educação Física

Erlã Costa da Silva

A experiência aconteceu na EMEF João Belo Alves, uma escola pequena da zona rural, no distrito de Serra dos Brandões, a cerca de 40 km da cidade de Picuí, na Paraíba. As turmas envolvidas eram do 6º ano, com 17 estudantes, e do 7º ano, com 24.

Tudo começou com uma lembrança das primeiras aulas de atletismo em 2014. Quando o assunto surgiu, os estudantes perguntavam coisas como: "Atletismo joga com quantas pessoas?", "Tem gol?", "É em time?". Eles só conheciam o futebol. A partir daí, a proposta passou a ser apresentar o atletismo de um jeito mais próximo da realidade deles, valorizando o que já sabiam e viviam no dia a dia.

Começamos com a leitura de um texto com perguntas simples: "Por que corremos? Por que saltamos? Por que lançamos?". Essa leitura puxou uma conversa animada sobre como essas ações faziam parte da sobrevivência no passado — fugir de perigos, caçar, buscar comida — e como hoje fazem parte do esporte.

Depois, criamos um mural com as perguntas do texto. Cada estudante escreveu sua resposta em um papel e compartilhou com a turma. Surgiram ideias ligadas ao esporte, como treinar e competir, mas também respostas ligadas ao cotidiano, como correr para fugir de cachorro ou para colher frutas. Assim, perceberam que essas ações fazem parte da vida.

Em uma das turmas, um estudante disse que não sabia escrever. Incentivamos que ele falasse sua resposta em voz alta. Ele falou, e a turma aplaudiu com entusiasmo. Na outra turma, dois estudantes que não queriam participar no início mudaram de ideia ao ver o envolvimento dos colegas, e também foram acolhidos com palmas.

Na aula seguinte, perguntamos onde, na comunidade, dava para correr, saltar ou lançar. Eles falaram do campo, da quadra, da rua, da praça e do sítio. Escolhemos o campo e a quadra como locais principais para as próximas aulas.

Dividimos os estudantes em grupos. Cada grupo ficou responsável por inventar atividades envolvendo corrida, salto ou lançamento. O primeiro grupo sugeriu uma caminhada leve e uma corrida de revezamento. Um momento marcante foi quando um

estudante, com mais dificuldade, completou a corrida e foi recebido com aplausos pelos colegas.

Outro grupo propôs saltos sobre cones, arquibancadas e até o alambrado da quadra. Já o grupo que cuidou dos lançamentos usou bolas, cones e até um galho de árvore, inspirado em um vídeo que um dos estudantes viu nas redes sociais.

Na turma do 6º ano, os grupos criaram atividades bem variadas. Um deles sugeriu dar uma volta no campo, caminhar devagar e depois fazer uma corrida de revezamento com cones. Todos participaram. Um dos momentos mais marcantes foi quando um estudante, que tinha mais dificuldade para correr, chegou por último e foi recebido com aplausos pelos colegas. Foi emocionante.

Outro grupo ficou responsável pelos saltos. Eles sugeriram pular entre cones, sobre o alambrado da quadra e também nas arquibancadas. Já o terceiro grupo pensou nos lançamentos. Usaram bolas, cones e até um galho de árvore encontrado ali perto. Um dos estudantes contou que viu nas redes sociais um amigo usando bambu como dardo, e quis tentar algo parecido.



Corridas e saltos.

No dia seguinte, foi a vez do 7º ano. Dividimos a turma em grupos e começamos debatendo as diferentes formas de correr, saltar e lançar. O primeiro grupo propôs correr dez voltas na quadra, depois de braços dados e, por fim, com um pé só. A turma toda participou com entusiasmo.

O segundo grupo trouxe ideias de salto: pular uma parede, fazer estrelinhas e saltar degraus da arquibancada. A proposta da estrelinha chamou atenção. Comentamos que, apesar de ser mais comum em ginástica, era legal ver como o salto podia ser interpretado de outros jeitos.

O terceiro grupo se divertiu com os lançamentos. Usaram chinelos, bolinhas de papel e até aviõezinhos feitos na hora. Teve quem não sabia dobrar o aviõezinho, mas logo recebeu ajuda dos colegas. Foi uma aula cheia de risadas e participação.

Essas atividades mostraram como é possível viver o atletismo com criatividade e imaginação. No meio das brincadeiras, surgiram momentos importantes de conversa também. Durante uma corrida de revezamento, um comentário de um estudante do 6º ano dizendo que meninas eram mais fracas gerou uma discussão. Aproveitamos o gancho para propor uma nova atividade sobre igualdade entre meninos e meninas.

Já no 7º ano, surgiu a ideia de criar materiais de atletismo com objetos recicláveis. Pedi que pesquisassem equipamentos usados no atletismo e trouxessem o que encontrassem em casa para construirmos juntos.

A partir dessas situações, decidimos seguir caminhos diferentes com cada turma. No 6º ano, focamos em refletir sobre a igualdade entre meninos e meninas. Criamos uma dinâmica para isso: desenhamos com cal no chão dois espaços. Um representava a casa, e outro, a rua. Dissemos que, no começo, só os meninos poderiam correr. As meninas deveriam ficar no espaço "de casa".

Logo vieram os protestos. "Por que só eles podem correr? Isso é injusto!", disseram algumas meninas. Já os meninos aceitaram a vantagem com naturalidade. Depois da atividade, explicamos que aquela divisão representava algo que já aconteceu de verdade: por muito tempo, as mulheres foram deixadas de lado nas competições esportivas e na vida pública.

Em seguida, foi a vez das meninas participarem da corrida. Antes de começar, algumas perguntaram se não seria injusto competir com os meninos. Explicamos que, mais do que força física, o que faz diferença é o acesso e a prática. Uma das alunas lembrou da jogadora Marta e disse: "Ela joga mais que muito homem". Outra comentou que a mãe ganha menos no trabalho que um colega homem, mesmo fazendo a mesma coisa.

Depois disso, propusemos uma corrida de revezamento mista: dois meninos e duas meninas em cada grupo. A experiência foi bem aceita por todos. Uma aluna ainda sugeriu inverter o início da atividade: agora seriam os meninos que ficariam de fora. Não deu tempo de realizar, mas a provocação mostrou que o recado tinha sido compreendido.

Na aula anterior do 7º ano, os estudantes demonstraram interesse em confeccionar materiais para as atividades de atletismo. A partir disso, propusemos uma aula com o tema "Atletismo Sustentável", incentivando a criação de implementos com materiais recicláveis e promovendo a preservação ambiental. Antes da aula, compartilhamos vídeos no grupo da turma mostrando como fazer esses materiais de forma simples e sustentável.

Ao chegarem, os estudantes trouxeram itens como cabos de vassoura, pesos feitos com câmara de ar e areia, meias recheadas com areia e sacola, discos feitos com papelão ou tampa de panela e bastões de revezamento feitos com pedaços de cabo de vassoura. Alguns já estavam quase prontos e só precisavam de decoração.

Quem não trouxe material foi orientado a confeccionar em casa para a próxima aula. Nesse momento, esses estudantes ajudaram os colegas com a decoração. Um estudante contou que fez o dardo seguindo um vídeo do YouTube. Outro disse que sua irmã o ajudou a fazer um disco. Teve também quem contou que o borracheiro ajudou a montar o peso com câmara de ar e areia.

Depois da confecção, os estudantes decoraram os materiais com itens disponíveis na escola e explicaram como tinham feito cada um. Ficou claro que eles compreenderam que não é preciso usar apenas materiais oficiais para praticar atletismo e que é possível reaproveitar o que já existe, contribuindo com o meio ambiente.

Produção dos equipamentos.



Na turma do 6º ano, voltamos a tratar do tema das diferenças entre meninos e meninas no esporte, pois percebemos que nem todos haviam compreendido bem as discussões anteriores. Propusemos então uma aula sobre a presença das mulheres nos Jogos Olímpicos. Explicamos que, no início, elas só podiam assistir, depois participaram informalmente e, por fim, puderam competir oficialmente — mas apenas em esportes sem contato físico, como o golfe e o tênis.

Um estudante perguntou por que as mulheres aceitavam essa situação. Explicamos que, naquela época, esperava-se que elas cuidassem da casa e dos filhos. Outro questionou o motivo das roupas cobrirem quase todo o corpo. Falamos sobre fatores culturais e religiosos, além do controle exercido por maridos ciumentos em alguns casos.

Mostramos também que homens e mulheres não competiam juntos nas provas de atletismo até muito recentemente. A prova de revezamento 4x400m com equipes mistas só foi incluída nos Jogos de Tóquio em 2020. Quando explicamos que eram dois homens e duas mulheres por equipe, um aluno comentou que achava injusto competir juntos. Discutimos que isso, na verdade, representa mais igualdade, pois permite que todos participem do mesmo espaço.

Depois, cada estudante escreveu em um papel como achava que as mulheres se sentiam quando eram proibidas de competir e como se sentiam ao participar. As palavras escolhidas variaram entre excluídas, desprezadas, esquecidas, e, por outro lado, empoderadas, competentes e felizes.

Essa conversa ajudou os estudantes a entender melhor os desafios enfrentados pelas mulheres no esporte e reforçou a importância de todos lutarem por mais igualdade.

Na turma do 7º ano, voltamos às atividades práticas. Como haviam confeccionado vários materiais, propusemos que experimentassem os lançamentos. Conversamos antes sobre como a reciclagem ajuda a preservar o meio ambiente. Apesar de alguns estudantes estarem ausentes por causa de problemas com o transporte escolar, seguimos com a aula.

Começamos com o lançamento do dardo, primeiro com os estudantes parados e depois correndo. Muitos perceberam que os dardos reciclados não iam muito longe. Explicamos que os dardos oficiais têm uma ponta metálica que melhora a aerodinâmica. Alguns disseram que gostariam de experimentar um dardo de verdade.



Lançamento de dardo e arremesso de peso.

Seguimos com a vivência do arremesso de peso. Um estudante pediu que fizéssemos uma demonstração, e mostramos que o arremesso pode ser feito parado, com deslocamento ou com giro. Naquele momento, sugerimos que experimentassem o arremesso parado, sem se preocupar com a técnica.

Depois que todos tiveram a chance de praticar o arremesso algumas vezes, propusemos o lançamento do disco. Deixamos que lançassem da forma como achassem mais confortável e, depois, perguntamos como o gesto poderia ser melhorado. Uma aluna comentou que, se fizessem o balanço do braço para trás, o disco poderia ir mais longe. A turma tentou aplicar essa ideia, reproduzindo esse gesto no lançamento.

Durante o processo de ressignificação, trabalhamos a ideia de um atletismo mais sustentável, desde a confecção dos materiais até as vivências com objetos reciclados. Essa proposta não só ressignificou os implementos e a prática do atletismo, como também despertou a consciência ambiental nos alunos. Muitos se sentiram incluídos ao criarem seus próprios materiais, vivenciando o atletismo com criatividade e se reconhecendo como sujeitos que se importam com as questões ambientais.

Ainda durante as aulas, a questão de gênero foi levantada pela turma do 6º ano e acabou sendo bastante discutida. Essa temática precisa estar sempre presente para que situações de preconceito não passem despercebidas. Na sequência, propusemos a vivência das transformações culturais do salto em distância e do salto em altura.



Salto em distância.

Nosso objetivo não era fazer com que os alunos saltassem mais longe ou mais alto, mas sim que experimentassem como os gestos desses saltos foram se transformando ao longo do tempo. Começamos com o salto em distância como era praticado na Grécia Antiga, com o uso de pedras nas mãos para ganhar impulso. Após algumas tentativas, propusemos o salto como é feito atualmente, com corrida de aproximação, impulso com um pé e aterrissagem no solo. A turma se envolveu bastante e comentou sobre as diferenças entre os dois modos de saltar. Um aluno observou que preferia o salto com corrida, pois sentiu que conseguia ir mais longe. Já uma aluna disse que não sabia que, no passado, se usavam pedras no salto.

Depois, seguimos para a quadra, onde organizamos a vivência com o salto em altura. Utilizamos um colchão recebido por meio de um projeto anterior. Dividimos a turma em grupos e cada um leu sobre um estilo de salto em altura: o rolo ventral (rolando para frente), o salto tesoura (passando uma perna de cada vez) e o salto flop (de costas). Após a leitura, cada grupo apresentou um estilo, e todos experimentaram as diferentes formas de salto, sem a preocupação de alcançar maiores alturas, mas sim de conhecer as variações culturais. A maior parte da turma gostou do salto rolando para frente, por achá-lo mais fácil. Uma aluna comentou que nem imaginava que existiam tantos jeitos diferentes de fazer o salto em altura.



Salto em altura.

Essas vivências despertaram o interesse de uma aluna mais tímida, que quis saber se existiam outras formas de praticar o atletismo. Conversamos sobre práticas indígenas, como a corrida de tora, sobre o paratletismo e até sobre jogos de videogame que simulam competições atléticas. Os alunos ficaram muito curiosos e entusiasmados com essas possibilidades. Um deles chegou a perguntar se traríamos um videogame para a sala. Contamos que conhecíamos alguém que poderia emprestar o aparelho, e prometemos tentar.

Na aula anterior com o 7º ano, alguns alunos demonstraram interesse em conhecer os implementos oficiais do atletismo que estavam disponíveis no projeto da escola. Antes de apresentá-los, propusemos uma leitura das provas de atletismo esportivizado, principalmente por meio de vídeos curtos com atletas em ação.

Assistimos a vídeos de diversas provas, como as corridas de velocidade (100 m, 200 m e 400 m), de meio fundo (800 m e 1.500 m), de fundo (5.000 m, 10.000 m e maratona), com barreiras (100 m feminino, 110 m masculino e 400 m para ambos), com obstáculos (3.000 m), revezamentos (4x100 m, 4x400 m e 4x400 m misto) e marcha atlética. Durante o vídeo da maratona, um aluno comentou que já havia feito uma “maratona de 4 km”. Aproveitamos para explicar que corridas de rua podem ter várias distâncias, mas a maratona tem, oficialmente, 42,195 km. Isso surpreendeu a turma. Outro aluno brincou dizendo que correr tudo isso era impossível, comparando com a distância entre dois municípios da região. Explicamos, então, a origem da prova, citando a história do mensageiro grego que correu para anunciar a vitória e, segundo a lenda, morreu logo

depois. A turma ficou impressionada com o relato. Uma aluna sugeriu que fizéssemos uma “maratona mais curta” com base nas corridas de rua, e combinamos de organizar uma vivência de corrida de resistência em outra aula.

Ao falar sobre a marcha atlética, uma aluna pediu mais explicações. Demonstramos o gesto, que gerou risos por parte da turma. Um dos alunos, que já praticava marcha atlética e era campeão paraibano sub-16, fez uma demonstração. Alguns riram novamente, e um estudante soltou um comentário preconceituoso, dizendo que o gesto fazia a pessoa parecer afeminada. Interrompemos a aula para conversar sobre o preconceito, questionando se o gesto determinava a orientação sexual de alguém. Uma aluna respondeu que o “rebolado” faz parte da técnica e não tem relação com isso. Reforçamos a explicação e deixamos claro que trataríamos do tema com mais profundidade nas aulas seguintes.

Seguimos com a leitura das provas de salto em distância, salto triplo, salto com vara e salto em altura. Durante a exibição de um salto feito por um atleta norte-americano, um aluno fez um comentário racista em voz alta. Paramos a aula imediatamente e explicamos que esse tipo de fala é crime e não será tolerado. O aluno ficou apreensivo e perguntou se seria denunciado. Dissemos que não faríamos isso, mas que aquele era um espaço de aprendizado e que ele precisava refletir sobre o que havia dito. Ele pediu desculpas, e reforçamos que o racismo seria tema de discussões futuras.

Como o tempo de aula estava no fim, passamos rapidamente por vídeos que mostravam as provas de lançamentos: dardo, disco, martelo e arremesso de peso. Embora não houvesse tempo para aprofundar, um aluno comentou que essas provas pareciam perigosas, especialmente a do martelo. Concordamos e mostramos que, por isso, existe uma gaiola de proteção nas competições, além da necessidade de muito cuidado.

Na aula anterior com o 6º ano, encerramos com o compromisso de trazer novas vivências de atletismo sugeridas pelos próprios alunos. Com base no princípio da descolonização do currículo, propusemos a experimentação de práticas corporais indígenas semelhantes às do atletismo, como a corrida de tora e o arremesso de lança. Para isso, precisávamos encontrar os materiais. Enviamos no grupo de WhatsApp da turma uma imagem da tora e perguntamos se alguém sabia onde encontrar uma adequada. Um aluno respondeu que havia toras perto da casa dele, mas que eram grandes. Fomos até lá um dia

antes da aula e cortamos uma em três partes para facilitar o uso. Já para a lança, a escola contava com dois dardos de bambu que foram separados para a atividade.

Começamos com a corrida de tora, em que os alunos precisavam correr o mais rápido possível entre dois pontos do campo. Foram divididos em grupos de três, e cada grupo testou diferentes formas de carregar a tora: sobre o ombro ou debaixo do braço. Ao final, enquanto descansavam, perguntamos como foi a experiência. Muitos disseram que era difícil por causa do peso, que machucava ou diminuía a velocidade. Outros mencionaram que era preciso força e que não conheciam essa prática dos povos indígenas. Uma aluna comentou o quanto achou interessante aprender sobre essa cultura.



Corrida de toras.

Uma aluna então perguntou se seria possível fazer uma prova de revezamento com a tora, como havíamos feito em outra aula de atletismo. Dissemos que sim e organizamos uma vivência de revezamento cooperativo com a tora substituindo o bastão. Dividimos a turma em três equipes e cada uma participou com entusiasmo da proposta, alternando entre corrida, esforço e cooperação até completar o percurso.

Após a vivência do revezamento com a tora, alguns alunos compartilharam suas impressões. Um comentou que “foi muito cansativo, mas divertido”, enquanto outra aluna disse que estava com dor no ombro. Outro aluno observou que “a cultura dos indígenas é muito diferente”. O comentário que mais nos chamou atenção foi o de um aluno que disse: “Se os indígenas soubessem que existe uma corrida sem tora, eles nunca iriam correr com a tora.”

Aproveitamos esse momento para explicar que as corridas convencionais do atletismo e as dos povos indígenas têm significados diferentes. Falamos que, no caso da corrida de tora, além da função prática de carregar lenha, ela também tem sentidos religiosos e culturais. Conversamos também sobre o uso do termo “índio”, explicando que muitos povos indígenas não gostam dessa palavra, pois ela carrega estereótipos negativos e generalizações. Reforçamos que ser indígena não depende de aparência, vestimenta ou do uso de tecnologias. Eles podem usar roupas comuns, acessar redes sociais e, ainda assim, manter sua identidade cultural.

Quanto à ideia de que a cultura indígena é “muito diferente”, explicamos que, por muito tempo, as culturas dos povos originários foram reprimidas e invisibilizadas pela colonização, enquanto a cultura europeia foi tratada como superior. Destacamos que não existem culturas melhores ou piores: todas têm seu valor. Ao final, os alunos demonstraram grande interesse pela discussão e pela experiência com a corrida de tora.

Na sequência, realizamos a vivência do arremesso de lança. Como o calor era intenso, por volta das 13h30, a turma preferiu realizar a atividade sob a sombra de um cajueiro, perto da quadra. Explicamos que o objetivo era lançar a lança o mais longe possível. Em duplas e de maneira espontânea, os alunos participaram ativamente.



Arremesso de lança dos povos indígenas.

Depois de algumas rodadas de lançamentos, fizemos perguntas sobre as diferenças entre o arremesso no atletismo e o uso da lança pelos povos indígenas. Uma aluna respondeu que os indígenas usam a lança para pescar, enquanto no atletismo ela é usada em

competições. Comentamos que, assim como a corrida de tora, o arremesso de lança também tem origem em práticas ligadas à sobrevivência, como a caça. Apresentamos ainda a existência dos Jogos dos Povos Indígenas, onde essas práticas são realizadas de forma competitiva e respeitosa. Ao fim da aula, retornamos à escola.

Na aula seguinte com o 7º ano, organizamos uma vivência de corrida de resistência e marcha atlética, retomando a discussão sobre o preconceito manifestado anteriormente em relação à marcha. Com base no que os próprios estudantes haviam trazido na aula anterior, também esclarecemos que nem toda corrida de rua é maratona. Ao propor a corrida de resistência, deixamos claro que não se tratava de competição, mas de uma experiência para perceber o corpo em movimento e em esforço prolongado. A proposta era dar, no mínimo, três voltas no campo.

Orientamos que não corressem rápido, pois o foco era na resistência. Alguns alunos cansaram já na primeira volta e pediram água. Outros mencionaram dores no corpo ou desconfortos, como correr descalços ou com roupas apertadas. Ainda assim, parte da turma conseguiu completar as três voltas — e alguns até foram além. Um aluno comentou que estava com dores nas pernas, mas ficou feliz por ter conseguido terminar. Uma aluna disse que a atividade fazia bem para a saúde.

Após um tempo de descanso, propusemos duas voltas em marcha atlética. Antes da prática, explicamos que não era permitido correr, e que era necessário manter pelo menos um pé no chão e a perna estendida. Também falamos sobre a importância da mobilidade do quadril para aumentar a velocidade sem perder o estilo da marcha.



Marcha atlética.

No início, alguns alunos relutaram em participar ou acharam a atividade engraçada, mas com o tempo todos se envolveram. A maioria conseguiu completar uma volta. Um aluno comentou que não imaginava que fosse tão difícil e disse ter sentido dores nas pernas.

Ao final da atividade, retomamos o comentário preconceituoso feito na aula anterior e perguntamos se a vivência da marcha havia mudado algo na forma como se viam. Uma aluna respondeu que não, e comparou com a ideia de que um homem não deixa de ser homem por cuidar da casa — da mesma forma, fazer marcha atlética não muda quem a pessoa é. Outro aluno destacou que o preconceito está ligado a pensamentos maldosos que ainda existem na sociedade. Discutimos o que poderia ser feito para combater esse tipo de pensamento. A mesma aluna reforçou a importância de não se importar com o que os outros dizem e seguir fazendo o que gosta com respeito.

A aula foi muito importante para desconstruir estereótipos. A marcha atlética foi tratada com mais respeito, e os alunos compreenderam que a orientação sexual de uma pessoa não está relacionada à gestualidade de uma prática corporal. O ambiente da aula favoreceu o diálogo e a construção de um espaço mais solidário e acolhedor.

Dando continuidade às experiências com o atletismo cultural, levamos para a turma do 6º ano o jogo “Sports” no Xbox 360. O jogo simula diversas modalidades esportivas, inclusive provas de atletismo como corrida de 100 metros, lançamento de dardo, salto em distância, lançamento de disco e corrida com barreiras. Por meio da câmera Kinect, os alunos puderam controlar os movimentos do jogo com seus próprios gestos corporais.



Atletismo no videogame.

A vivência despertou muito interesse. Os estudantes participaram ativamente, tentando reproduzir os gestos das provas com base no que haviam aprendido nas aulas anteriores. O jogo permitiu que experimentassem o atletismo de forma lúdica e interativa, articulando a cultura corporal com o universo digital.

Realizamos a vivência com o videogame em duas rodadas, o que possibilitou que todos os alunos participassem mais de uma vez das provas de atletismo. Ao final da experiência, surgiram várias falas sobre a atividade. Um aluno comentou que o jogo parecia muito real, como se estivesse dentro da TV. Outro disse que preferia o atletismo “de verdade”, mas achou interessante ver como tudo funcionava no ambiente virtual. Houve quem destacasse que, no jogo, as provas pareciam mais fáceis do que na vida real, principalmente os lançamentos e os saltos, e que ninguém se machucava na corrida com barreiras. Um comentário que chamou atenção foi sobre o trabalho em equipe: um aluno apontou que o mais legal foi todo mundo jogar junto, sem brigas ou exclusões, algo que não aconteceria se fossem apenas dois jogadores.

Com a turma do 7º ano, retomamos a discussão sobre o comentário racista feito por um aluno ao se referir ao atleta Mike Powell. Para aprofundar o debate, exibimos o filme *Raça*, que conta a história de Jesse Owens, atleta afro-americano que venceu quatro provas nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, desafiando a ideologia nazista de superioridade racial. O filme gerou muitas reflexões na turma, tanto sobre as injustiças vividas por Owens quanto sobre o racismo estrutural. Durante a exibição, os alunos fizeram comentários sobre a segregação da época, a ausência de blocos nas pistas, o preconceito dentro das universidades e a exclusão de negros e judeus. Também questionaram atitudes de personagens negros no filme que reproduziam falas preconceituosas. Discutimos como o racismo está enraizado nas estruturas sociais e como ele pode, inclusive, ser reproduzido por quem também sofre com ele. A mensagem principal que ficou foi a de que raça não define talento nem capacidade, e que o esporte pode ser um espaço de resistência e superação.



Assistindo ao filme “Raça”.



Cena do filme.

A partir desse debate, com a turma do 6º ano, propusemos, inspirados pelos próprios estudantes, para abordar o paratletismo. Após uma pesquisa realizada pelos alunos na internet, selecionamos duas experiências: corrida com os olhos vendados e lançamento em cadeira de rodas. Os próprios alunos se organizaram para trazer os materiais. As alunas costuraram vendas com tecidos fornecidos pela escola, e um aluno, com a ajuda da inspetora, confeccionou três "foguetinhos" usando canos de PVC, bolas de tênis e TNT.

Começamos com a corrida com os olhos vendados, em que as duplas se revezavam entre guiar e ser guiado. A proposta era provocar uma reflexão sobre a deficiência visual, não estabelecer vencedores. Notamos que alguns guias estavam mais preocupados em vencer do que em orientar seus colegas. Em um caso, uma aluna chegou a bater a cabeça na parede por falta de orientação, o que nos levou a reforçar a importância do cuidado e da comunicação durante a atividade. Ao final, os alunos compartilharam impressões sobre a dificuldade de se locomover sem enxergar, o medo de se machucar e a sensação de

dependência. A partir desses relatos, conversamos sobre a autonomia das pessoas com deficiência visual e sobre suas conquistas, inclusive no esporte. Os estudantes destacaram que essas pessoas mostram para a sociedade que são capazes e, muitas vezes, superam expectativas.



Corrida com os olhos vendados.

Na sequência, vivenciamos o lançamento em cadeira de rodas com os "foguetinhos". Cada aluno pôde lançar três vezes antes de passar para o próximo colega. Todos comentaram o quanto é mais difícil lançar sentado e como, em pé, conseguem alcançar distâncias maiores com mais facilidade. Essa comparação foi importante para que compreendessem os desafios enfrentados por atletas com deficiência e refletissem sobre esforço, adaptação e superação no esporte.



Arremesso em cadeira de rodas.

A experiência narrada demonstra o quanto o atletismo pode ser ressignificado a partir de práticas pedagógicas que dialogam com diferentes contextos culturais, sociais e históricos. Ao integrar saberes escolares e populares, gestualidades esportivas e práticas corporais de outros grupos sociais, especialmente os povos indígenas, ampliamos os horizontes de compreensão dos(as) alunos(as) sobre o que é o atletismo e o que ele pode representar em suas vidas. Mais do que aprimorar técnicas, o que esteve em jogo foi a valorização da diversidade, o enfrentamento de preconceitos e a construção de um ambiente educativo mais respeitoso, inclusivo e crítico.

Saímos dessa experiência com a certeza de que é possível tematizar o atletismo de forma comprometida com a formação ética e cidadã dos(as) estudantes. A empolgação com as aulas, a curiosidade sobre os saberes indígenas, os questionamentos sobre diferenças e os discursos que foram sendo transformados ao longo do processo mostram que o corpo em movimento também pode ser corpo que pensa, sente e se posiciona. Seguir por esse caminho é cultivar a esperança de uma Educação Física cada vez mais conectada com o mundo e com os sujeitos que o habitam.